



**“Caminhos para a perenidade
da educação católica:
fortalecimento da missão”.**



Homilia da Missa de abertura - Padre Júlio César – Assessor Nacional para a Educação da CNBB

As palavras do Evangelho nos orientam na missão educativa que temos, e a partir da hipocrisia problematizada do Evangelho de Mateus, Jesus aponta para o risco de anunciarmos a verdade sem que a vivamos na prática do dia a dia. O “farisaísmo” pode nos distanciar da caridade, podemos nos esconder por detrás de uma máscara de rigorismo estéril. O Senhor nos convoca a viver a verdade tendo como centro a prática da justiça. A complexa sociedade que vivemos pode nos levar a viver pelas aparências, de momentos e ilusões. Jesus nos alerta e nos convoca a sermos luz do mundo. Nossa missão educativa é autêntica e deve ser vivida na coerência, na preocupação com a vida e com as pessoas. O Papa Francisco ao nos convidar a um Pacto Educativo Global, nos chama a uma autenticidade que se manifesta na cooperação, na proximidade verdadeira e honesta. Para isso nos lembra um provérbio africano onde se diz que, “para educar uma criança é necessária uma aldeia inteira”. Assim deve ser a escola, que com os carismas que sustentam, manifestam um testemunho de vida e colaboração e não de boas aparências. Precisamos ser livres de coração para vivermos na honestidade um amor sem fronteiras e também, renovar nosso compromisso transmitindo a verdade daquilo que realmente somos, mulheres e homens apaixonados pela vida e desejosos de educar para o bem e para a paz, é esse desejo que nos reúne e mantém educadores e educadoras.

Conferência de abertura – Caminhos para a perenidade da educação católica

Padre Dr. Ronald La Barrera - Vice-Reitor Acadêmico e Diretor da Escola de Teologia do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)

Falar de educação católica é falar de fortalecimento, e dos modos pelos quais podemos nos fortalecer e assim perenizar a educação católica em toda América Latina e Caribe. A Educação é humana e humanizadora e com isso diz da plenitude da pessoa, o serviço educativo da Igreja abre caminhos para a evangelização e toda a evangelização ao mesmo tempo educa para uma vida digna. Precisamos fazer isso a partir do contexto de cada época, em nosso caso, somos chamados a educar e evangelizar em um contexto de mudança de paradigma. O documento de Aparecida nos recorda o quanto somos desafiados por vivermos em uma época em que parece desaparecer o sentido de integralidade do homem, um dilema profundo e estrutural. Diante do individualismo que vivemos fica evidente a necessidade de educarmos pelos valores, não podemos deixar prevalecer a ideia de pura produção e individualismo porque aí já não há espaço para o outro, para o amor e para paz, sendo esses valores que devemos educar.





A relação globalização e educação exige que façamos reflexões profundas sobre a democracia, a ciência, tecnologia, sociedade, economia e cultura, tudo deve convergir para o bem da humanidade e sua dignidade, e não para a sua destruição. A destruição do meio ambiente indica que não se está fazendo uma verdadeira educação para a vida, precisamos também pensar a valorização e o cuidado das famílias, elas são a primeira comunidade de amor, valores e educação. Mas no contexto atual tem desarticulado as famílias que se distanciam de sua missão mais essencial, educar para sermos e não termos, não somos descartáveis. É preciso educar para sermos construtores de uma nova humanidade, mas só as Escolas Católicas não são suficientes, precisamos fazer alianças para que os valores possam, chegar à outros cenários, e tantas pessoas que nossas escolas não conseguem alcançar.

Precisamos retomar linhas pedagógicas libertadoras como a de Paulo Freire que pode atuar para além das escolas. A Igreja nos ilumina com seus documentos, e temos também nossos fundadores e tantos outros exemplos. Aprendendo uns com os outros, chegaremos a uma "Cultura do Encontro", em que todos podemos aprender algo, resgatando nosso sentido de vida comunitária, fraterna e solidária, sendo necessário humanizar a educação, isso nos fortalece e pereniza, educar com amor pela vida e para a vida.

Palestra: Como planejar a volta às salas de aula?

Aprendizados sobre a relação escola-famílias em tempos de COVID-19 – Francesco Tonucci – Psicopedagogo

É curiosa a frase de Jesus em que ele diz da necessidade de sermos como crianças para entrarmos no "Reino dos Céus", quando consideramos que isso é dito em um momento da história em que as crianças não significam muito, como considerar o ser, e fazer como criança algo importante, quando ainda hoje fazemos prevalecer o que nós consideramos sobre as crianças. Desde o início de nossos processos escolares não consideramos o que sabem e o que fazem as crianças, exigindo ainda que façam coisas sem sentido e valor para a aprendizagem. Considerar as crianças muda nossa forma de considerar as infâncias, e consequentemente muda nosso modo de considerar a aprendizagem a partir das competências desenvolvidas pelas crianças e trazidas por elas para a escola, nosso modo tradicional de pensar o desenvolvimento parte do pressuposto que crianças pequenas nada sabem e assim permanecem por muito tempo, com uma ideia de desenvolvimento bastante tardio já por volta de 6 a 8 anos, essa forma de concepção diz do modo como estruturamos a escola tradicional, sempre focada em uma preparação para uma ordem subsequente, entendida como mais importante, isso porque partimos do "nada" numa "crescente" de avanço linear e gradual, estamos sempre em preparação para o que há de vir.





Sendo preciso retomar essa questão, e de modo sensível perceber que a realidade é diferente, mesmo antes do nascimento a criança vive processos que tais como seus primeiros dias são muito importantes. A neurociência confirma o que diziam alguns autores clássicos, afirmando que em toda vida nunca há um trabalho neurológico tão intenso como o dos primeiros 6 anos, As coisas mais importantes acontecem antes mesmo da escola, e ainda precisamos considerar que acontece fora e para além da escola também, assim nos perguntamos: para que serve a educação?

A resposta aqui se pauta para além das teorias educacionais, considera as leis nacionais e internacionais, e considerando a vida como um todo a educação serve para ajudar a cada criança a descobrir sua vocação, atitudes e capacidades, dando a elas as ferramentas necessárias para se chegar ao mais perto possível da plenitude.

Esse período trágico da humanidade que vivemos nos deve levar a falar com as crianças e ouvir seus pontos de vista, onde podemos pensar e planejar as possibilidades, repensar o que estamos fazendo juntos em relação e colaboração também com as famílias.

Mesa redonda - Instituições católicas – Pacto Global pela Educação: desafios e esperança na realidade.

Rodinei Balbinot – Mediador

A celebração de um grande Pacto começa com cada um de nós já no movimento de encontro que realizamos aqui. O Pacto Global pela Educação aponta para o uma retomada de nossa essência. Somos chamados a darmos frutos, e frutos que permaneçam, esse é um caminho de perenização. Somos convocados a viver e fortalecer nossa vocação evangélica, ao unirmos nossas forças tornamos a educação ainda mais significativa em nossa sociedade. O Papa Francisco, um Papa da Educação, sempre faz questão não só de retomar o que diz o Magistério da Igreja sobre a Educação, mas também chama nossa atenção para sua importância no contexto atual, em 12 de setembro de 2019, o Santo Padre nos convocou junto a várias lideranças mundiais para o que denominou de Pacto Educativo Global, ao fazer isso, relembra o quanto é necessário o cuidado com a “nossa casa comum” como alertou a carta encíclica *Laudato si*. Para o Papa Francisco, o cuidado se fará a partir de uma “nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora.

Pe. Danilo Pinto Santos – CNBB

O Pacto Global Educativo é uma grande aliança em busca de uma sociedade mais fraterna, sua proposta parte do marco eclesial do Concílio do Vaticano II, e se pauta no humanismo cristão e solidário. O Papa se deixa interpelar por inúmeras vozes ao redor do mundo que apontam para a necessidade de se restabelecer a busca do desenvolvimento global, da pessoa e o cuidado da casa comum, assim o Papa





evidencia a importância do alinhamento entre família, escola e sociedade. Entre direitos e deveres específicos existem elos comum que potencializam a possibilidade de recuperarmos papéis e responsabilidades esquecidas, isso significa, recuperar nossos objetivos comum, e o Pacto deve cuidar de gerar desenvolvimento integral e uma sociedade equitativa, colocando a pessoa no centro de nosso trabalho e discussão que podemos evocar, os elementos educativos que devem irradiar justiça, equidade e solidariedade. A CNBB vem trabalhando para colocar a Igreja do Brasil em consonância com o trabalho educativo realizado pelo Papa Francisco.

Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro – CRB

O trabalho das escolas católicas tem se guiado pela resiliência nesse momento tão difícil, um trabalho que, com um Pacto nos chama a uma reconstrução, um marco para a humanidade, uma aliança geradora de paz e justiça entre todos os povos e um diálogo entre todas as religiões. O Papa Francisco lembra que a Escola Católica deve com toda a sociedade avançar para um novo sentido relacional, uma espiritualidade ecológica. O ser humano precisa retomar em comunhão com a natureza, com ternura e cuidado, cabe a nós avançarmos para um “biocentrismo”, para uma harmonia e não uma dominação da criação, somos chamados a uma integração, uma fraternidade cósmica. Para o centro de toda ação e discussão insistimos em colocar a pessoa, o ser humano e toda a criação. Um diálogo humanizador gera sujeitos humanizadores, isso é educação, e essa é nossa missão colaborativa nessa aldeia educativa global, Na riqueza das diferenças, respeitando e acolhendo teceremos um novo sentido relacional através da solidariedade, olhemos além dos nossos muros para vencermos as polarizações excludentes, não somos ilhas, mas uma aldeia.

Ir. Paulo Fossatti – ANEC

Enquanto pessoas e instituições, somos uma aldeia e precisamos todos nos educar mutuamente. Os trabalhos desenvolvidos pela ANEC no desenvolvimento do Pacto parte de uma perspectiva macro em comunhão com Roma, e vão de delineando nas micros singularidades das instituições católicas como CNBB, CRB e cada escola e universidade parceira aqui no Brasil. Integrados à equipe do Papa a ANEC partilha as boas práticas do Brasil e busca aprender com as experiências de outros países, estabelecendo constantes parcerias a ANEC, que busca viabilizar as formações continuadas dos docentes. Desenvolve também um acompanhamento junto a órgãos do Governo colaborando no desenvolvimento de políticas públicas atuando efetivamente na discussão e na construção de estratégias e defesa da educação. Em um cenário de grandes desafios o que se espera e o que se faz como instituição católica é um protagonismo educativo, isso é feito de modo colaborativo pois acreditamos que, não nos salvaremos sozinhos.





Oscar A. Pérez Sayago – CIEC

Somos o continente mais organizado em um trabalho em Rede com as Escolas Católicas, buscamos manter uma integração continental, uma educação de qualidade e caridade, aos pobres não se pode dar uma pobre educação. A todos é preciso dar uma educação de qualidade e isso é reforçado com o Pacto Educativo, a escola é um lugar de cordialidade e diálogo e isso nos levará uma educação integral pela solidariedade e para a solidariedade. Lembrar sempre que vivemos em uma casa comum é fundamental porque temos um destino comum que nos convida a um trabalho comum, quando pensamos em práticas comuns que visam nos dar um melhor destino, acreditamos que isso parte também da escola, que é um lugar de convivência, e comunhão e para construirmos uma cidadania ecológica temos que pensar na escola. A crise que vivemos é uma crise de relações, o modelo que temos prima pelo individualismo e consumismo, precisamos alterar este modelo que também afeta a escola, propor uma troca de modelo que aponte não só para a mente, mas também para o coração, não podemos buscar apenas os primeiros lugares, mas sim a melhor formação humana, aberta ao diálogo, caridoso e fraterna.

Ir. Natalino de Souza – UMBRASIL

O pontificado do Papa Francisco é de grandes conexões profundas e fundamentais, provoca nossa forma de relacionarmos colocando a vida no centro de questões inegociáveis no campo do respeito, do sentido, da dignidade e bem estar. Com uma ideia de ecologia integral o Papa aponta para nossa diversidade e complexidade de relações e conexões, as separações estéreis que o Pacto nos convida a romper traz à tona que a vida pressupõe uma solidariedade e fraternidade que antecede ao conflito. Uma sociedade que só produz conflitos, tirou a vida do centro de suas perspectivas, a solidariedade e fraternidade nos leva à cooperação, toda a natureza indica como a vida é cooperativa dando a importância da escola pensar e ensinar não a dominação, mas a relação. Isso nos faz perceber o quanto somos responsáveis, a responsabilidade redimensiona a equidade e o lugar da vida, tecemos com isso uma teia de singularidades que compõem um todo comum, educar é aprender, uma aldeia que educa tem muito a aprender. Não podemos tudo mas podemos muito e esse muito diz da nossa fortaleza e perenidade.





Dr. Humberto Ortiz – CELAM

O Papa Francisco nos conclama a uma mudança de rumo, nos convida a um novo e mais integral estilo de vida, não podemos seguir com um modelo de vida tão egoísta que visa lucro a qualquer custo, temos um grande desafio de regeneração e a Educação Católica é interpelada pelo desafio pois também está inserida nesse contexto de mundo que afeta a todos. O Professor Paulo Freire em seus ensinamentos nos convidava a educar para transformar a realidade e transformar a realidade para educar. Isso manifesta uma relação intrínseca e dialética entre educação e transformação social que fortalece os processos de mudança. Nessa linha de proposta de renovação o Papa Francisco insiste na importância dos processos de inculturação e diálogo para que seja possível evangelizar com alegria, pois devemos anunciar a esperança, não podemos ser profetas de calamidades. Reforçando nossa opção preferencial pelos pobres nossa mudança de estilo de vida viabiliza a solidariedade e a equidade. Se ninguém se salva sozinho devemos repensar o sentido da fraternidade. Uma educação integral, uma ecologia integral formará promotores de um novo estilo de vida mais justo e solidário.

Ceciliany Alves Feitosa – FTD Educação

Nossa caminhada compartilhada revela o quanto temos os mesmos propósitos. Somos chamados a sermos uma resposta as necessidades do mundo contemporâneo. A FTD quer ser cada dia mais um ponto de apoio e uma promotora de possibilidades para que nossas ações estejam em consonância como o Santo Padre. Como aldeia global, como comunidade humana estamos conectados e por isso sempre buscamos ser e atuar como rede. Uma grande rede de redes como resposta a uma necessidade de maior integração e conectividade. Caminhar juntos nos fortalece estabelecendo vínculos e ternura e cuidado. Esse cuidado entre outros modos se mostra na busca de uma constante e sólida formação das instituições através de quem as compõe. Essa formação visa solidificar a legitimidade, a resistência e os processos educativos que compõe a identidade de cada instituição. Na esteira da solidariedade proposta pelo Pacto cumprimos a missão de ser FTD através da partilha e da convivência onde a nossa fé e espiritualidade, perpassando nossas diversas experiências, nos une e faz mais fortes.





CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO: PANORAMA DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Óscar A. Pérez Sayago – CIEC

O panorama da Educação na América Latina está inserido em um contexto de mudança de educação como um todo. Não podemos seguir como antes. O Pacto Educativo, agora dentro do contexto de uma pandemia nos aponta para necessidades emergentes que exigem mudanças inéditas. Precisamos de mais caridade e solidariedade em nossas relações. A pandemia aos nos afetar revelou questões desafiadoras que já vivíamos, a paralisação das atividades nos preocupa, mas temos também outros grandes desafios como o da alimentação. Muitas crianças acessavam a escola em busca de comida, as desigualdades no uso de tecnologias digitais e internet também se mostraram grandes. As famílias se perceberam despreparadas para acompanhar os estudantes, temos insuficiências de várias ordens até mesmo de segurança das crianças dentro das próprias casas, vivemos em uma profunda desigualdade social e econômica que se tornou mais evidente com a pandemia. Todo esse cenário nos indica uma grande necessidade de criarmos estratégias de manutenção e sustentabilidade exigindo replanejamento. O aumento da pobreza desafia a sobrevivência das escolas privadas com a migração de estudantes para escolas públicas, iniciativas diversas acontecem nos países da América Latina sempre buscando minimizar os impactos com busca de meios alternativos para seguir educando. Vivemos um momento de reflexão e ação que nos permita enfrentar essa nova realidade, é urgente a inovação diante do que nos é exigido, esse novo tempo nos obriga a repensar a educação e seus fundamentos, não estávamos sendo preparados para incerteza e não estávamos educando integralmente, e esse novo tempo nos questiona como vamos fazer isso, alinhando nossas diversas dimensões, estamos nesse momento vivendo soluções de emergência, mas temos que nos reinventar para nos prepararmos para as exigências de uma nova realidade. Maior autonomia, o sentido de mediação, o uso de novas tecnologias, maior diversidade de meios de possibilidades, a mescla do presencial e do virtual são algumas das questões que nos desafiam.

A flexibilidade das metodologias aliada a solidariedade aparece como uma grande necessidade diante das novas gerações e suas formas diversas de aprender e sentir. As escolas católicas são chamadas a uma resposta, a formação por meio e para um novo humanismo.

